



ID: 116685914

16-04-2025

Em Portugal, 16% dos diplomados têm qualificações a mais para o trabalho que fazem

Pedro Crisóstomo

O diferencial entre a qualificação dos trabalhadores e aquela que é exigida no emprego é maior a nível europeu

Se um grupo de dez amigos se reencontrar para jantar e recordar os tempos de infância ou de faculdade, a probabilidade de pelo menos um ter qualificações a mais para o trabalho que desempenha é elevada.

O Eurostat, o gabinete estatístico da União Europeia (UE), calcula que 16% dos diplomados portugueses com idade entre os 20 e os 64 anos são sobrequalificados. É, ainda assim, uma percentagem inferior à média dos 27 países da UE, onde a “sobrequalificação” profissional abrange uma fatia de 21,4% da população empregada.

Ao publicar ontem os dados sobre a evolução do mercado de trabalho referentes a 2024, o Eurostat divulgou também uma estimativa sobre esta problemática, um fenómeno que ocorre quando “pessoas com educação superior trabalham em profissões que não requerem um nível de educação tão elevado” quanto o obtido pelos cidadãos.

Os dados do Eurostat para a Europa dos 27 mostram que a sobrequalificação se tem mantido praticamente estável nos últimos anos em torno dos 21-22%, havendo poucas diferenças de ano para ano. Em Portugal, a percentagem também diminuiu de 2023 para 2024, ao passar de 16,6% para os 16% agora divulgados. Mas a tendência dos últimos anos é flutuante. Enquanto em 2019 a percentagem estava nos 14,9% e nos dois anos seguintes ficou sempre num patamar abaixo dos 15%, nos três anos seguintes a sobrequalificação foi crescendo até aos 16% em 2024.

Numa faixa etária mais jovem, dos 20 aos 34 anos, a que apanha os recém-chegados ao mercado de trabalho, o desajustamento entre as qualificações e o emprego é mais visível: a percentagem portuguesa está nos 20,3%, o que significa que mais de dois em cada dez jovens têm qualificações a mais para os empregos que conseguiram. Aqui, Portugal está mais próximo da média europeia, onde o problema afecta 22,9% dos jovens dos 20 aos 34 anos.

Pior em Espanha

Voltemos aos dados globais, dos cidadãos dos 20 aos 64 anos. A nível euro-

peu, o grau de sobrequalificação é muito diferente de país para país. A vizinha Espanha, quarta maior economia da zona euro, é o país da União Europeia onde a percentagem é mais significativa (abrange 35% dos diplomados), seguindo-se a Grécia (com 33%) e Chipre (com 28,2%).

No pólo oposto estão o Luxemburgo (onde só 4,7% dos diplomados desempenham tarefas menos especializadas do que as expectáveis para o nível de qualificação profissional), a Croácia (12,6%) e a República Checa (12,8%).

A Alemanha, maior potência do bloco económico, está um pouco abaixo da média europeia, com uma taxa de sobrequalificação de 18,9%. França, segunda economia, tem uma percentagem de 20,7%, também ligeiramente abaixo da média.

Num estudo realizado em 2021 sobre este tema, três investigadores do Iscte explicam que, entre 2000 e 2016, a União Europeia fez uma forte aposta nas qualificações dos trabalhadores para modernizar as suas economias nacionais, o que fez aumentar a oferta de diplomados.

No entanto, dizem Paulo Marques, Fátima Suleman e Rita Guimarães, “a qualificação generalizada da mão-de-obra resultou numa discrepância entre a qualificação do trabalhador e

a qualificação do emprego” quer em Portugal, quer noutros países do Sul, fruto, entre outros factores, da “fraca capacidade do tecido produtivo” em “absorver mão-de-obra qualificada disponível”.

“No caso dos países do Sul da Europa, o reduzido peso de sectores intensivos em tecnologia e inovação é agravada pelo fraco crescimento económico verificado nas últimas décadas e pelas políticas de austeridade dos últimos anos. Estes factores implicaram fortes cortes na despesa pública e no recrutamento para o sector público, um sector que tradicionalmente absorvia muita mão-de-obra qualificada. A procura de qualificações é igualmente decisiva para evitar desperdícios de recursos, i.e., para evitar a sobrequalificação. Assim sendo, a par da política de educação, é indispensável uma política industrial que promova sectores com capacidade para absorver trabalhadores qualificados”, salientam os mesmos autores.

Mulheres mais penalizadas

Na União Europeia, o nível de sobrequalificação das mulheres é superior ao dos homens. É mais um indicador de que as desigualdades de género se repercutem no mercado de trabalho: há 22,2% de mulheres diplomadas que desempenham funções inferiores às qualificações que detêm, enquanto no caso dos homens isso acontece com 20,6%.

Em Portugal, a disparidade de género é maior: 18,1% das mulheres com educação superior ocupam posições profissionais abaixo das qualificações, por comparação com o que se passa com os homens, onde o problema só afecta 12,8%.

18,1%

Em Portugal, a disparidade de género é maior: 18,1% das mulheres com educação superior ocupam posições abaixo das qualificações



Jovens entre até 34 anos são mais afectados pela sobrequalificação

DANIEL ROCHA